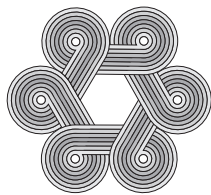




C O L E Ç Ã O

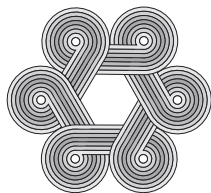


INTERAÇÕES

# **Interações: onde está a arte na infância?**

**Blucher**

C O L E Ç Ã O



INTERAÇÕES

Stela Barbieri

# Interações: onde está a arte na infância?

Josca Ailine Baroukh  
COORDENADORA

Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves  
ORGANIZADORA

*Interações: onde está a arte na infância?*

© 2012 Stela Barbieri

Editora Edgard Blücher Ltda.

Capa: Alba Mancini

Preparo de texto: Fernanda Gehrke

Fotografia: Fernando Pião

Produção do Ateliê:

Fernanda Beraldi  
Danielle do Nascimento Silva  
Jurandi França Inhuma  
Nina Barbieri Lucato  
Marina Pappa  
Jairo do Nascimento

## Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-012 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 (11) 3078-5366  
editora@blucher.com.br  
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.  
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,  
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

### Ficha catalográfica

Barbieri, Stela  
Interações: onde está a arte na infância?  
/ Stela Barbieri; Josca Ailine Baroukh,  
coordenadora; Maria Cristina Carapeto  
Lavrador Alves, organizadora. -- São Paulo:  
Blucher, 2012. -- (Coleção InterAções)

Bibliografia  
ISBN 978-85-212-0678-1

1. Arte - Estudo e ensino 2. Educação de  
crianças 3. Prática de ensino 4. Professores -  
Formação profissional. I. Baroukh, Josca Ailine.  
II. Alves, Maria Cristina Carapeto Lavrador.  
III. Título

12.05406

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e educação infantil

372.21

*A Fernando,  
pela inspiração e parceria nas artes e na vida, e a  
Leo e Nina pelo sentido que dão ao dia a dia sempre*



# Nota sobre a autora

Stela Barbieri é artista plástica, educadora, contadora de histórias, escritora, curadora do Educativo da Fundação Bienal de São Paulo, diretora da Ação Educativa do Instituto Tomie Ohtake e assessora de artes nas escolas Vera Cruz, Nossa Senhora das Graças e Castanheiras (SP). Nas instituições culturais, concebe, dirige e coordena ações de cursos para professores, crianças e jovens, de atendimento ao público e de formação de profissionais da educação e da arte.

Em um diálogo com as equipes de curadoria geral de cada instituição e exposições, realiza a coordenação das publicações do educativo e de apoio às exposições. Nas escolas com as quais trabalha, desenvolve e organiza o currículo de acordo com a realidade pedagógica e cultural de cada uma, acompanha e avalia o trabalho, periodicamente participando da formação dos profissionais, tendo sempre como horizonte uma educação contemporânea que inclui a diversidade humana existente em cada instituição. Trabalhou durante sete anos na ONG Cedac, realizando cursos de formação de professores em diversos estados do Brasil – Maranhão, Pará, Espírito Santo e Minas Gerais.

Realiza publicações e apresentações de contos autorais e da tradição oral. Publicou 17 livros infantojuvenis e realizou apresentações em diversos lugares, dentre eles SESC SP, Espaço Unibanco de Cinema e Sala São Paulo com a Orquestra Popular de Câmara. Foi assessora em arte e educação do projeto Escola no Cinema, do Espaço Unibanco de Cinema (SP).

Como artista plástica, trabalha com diversos materiais, como látex, vidro, pigmentos, areia, cera de abelha e argila. Sua poética parte de formas orgânicas que, por meio de sua ação, vão se transformando em uma outra natureza corpórea. A partir de 1990, começou a expor profissionalmente e tem exposto regularmente em espaços institucionais, como museus e centros culturais, no Brasil e no exterior.



# Agradecimentos

A Cleide Terzi, Elizabeth Scatolin, Angela Fontana e Ricardo Ohtake.

À Escola Vera Cruz e ao Instituto Tomie Ohtake.

A Carina Midori Tiyoda, Renata Miyuki Kotaira, Guga Queiroga, Helenira Paulino e Guga Szabzon.

Às professoras que generosamente cederam seus textos.

Às crianças, seus pais e avós que participaram do Ateliê:

Beatriz dos Anjos

Bianca Martins

Eduardo Martins

Gabriel Baroni Bella

Gabriel Manini Cypriano

Isabel Martins

Júlia Manini M. Bonilha

Luan Martins das Silva

Manuela Friedneim

Marina Manini Cypriano

Mira Chaia Alves

Nara Viscardi Storto Nunes

Pedro Manini M. Bonilha

Raphaela Wortsman

Rosa Viscardi Storto Nunes

Sebastian Leona

Tom Andrade Barmak

# Prefácio

A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar potente, aberto e livre.

*Edgar Morin, 2000<sup>1</sup>*

O livro *Interações: onde está a arte na infância?*, organizado por Stela Barbieri, que tenho a honra e o prazer de prefaciar, representa um contributo relevante para os professores que atuam na Educação Infantil com ampliação possível e desafiadora para outros educadores.

A arte não deve ser habitada apenas por aqueles que se dedicam ao seu ensino. Ela está presente no mundo e, pela sua porosidade, nos toca, nos influencia, nos torna intérpretes dos cenários sociais e das manifestações da cultura.

A criação artística marca a história do humano, nos influencia. Coloca o corpo disponível à experiência, por isso é tão importante deixar a arte falar em cada um de nós.

Apresentar esta obra não nos permite ficar indiferentes à pessoa de sua autora: a artista, a professora, a assessora. Delicadeza de gestos, sorriso acolhedor, palavras ternas e firmes logo anunciam a presença de Stela. Tão especial que, ao conhecermos, torna-se cativante pela sua competência profissional combinada a sua simpatia e generosa disponibilidade.

A simplicidade, clareza e profundidade das colocações e a comunicação facilitadora com seus interlocutores marcam os posicionamentos formadores dessa educadora.

---

<sup>1</sup> MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

Traz em sua trajetória as marcas da estudiosa pesquisadora conjugada com a profissional da educação que sabe se adequar e realizar intervenções gestoras em diferentes realidades: na escola, no museu, na Bienal. Torna-se educadora em cada lugar e função que habita. Alimenta e partilha saberes, desafios e produções com vários educadores (professores, artistas, literatos, coordenadores, diretores) para criar o pensar e o fazer no ensino da arte.

Coloca em suspenso algumas intenções da prática escolar com suas ponderações e provocações. Inquieta-nos ao contrastar posicionamentos, brincar com certezas, realizar certas piruetas nos pensamentos, por meio de seus comentários, localização histórica das obras de arte e leitura de imagens.

Sabe, com maestria e dedicação, desenvolver processos formadores com o rigor exigente, entusiasmo contagiante e o encorajamento necessário.

Nesta obra, ilustra a possibilidade articuladora entre os fundamentos teóricos e as vivências práticas. Impulsiona a compreensão sobre o ato de aprender na infância mediado pela arte. Torna-nos comprometidos com a potência do pensamento infantil no desenvolvimento da expressão e da experiência artística.

A leitura deste livro instiga nossa curiosidade para entender a criança potente em seu processo de aprendizagem e a presença da arte como força e impulso para expressar a vida. Ao construir e reconstruir, pela experiência artística, suas interpretações do mundo, o sujeito aprendiz constitui significados e, neles, sua formação identitária.

As intervenções enunciadas revelam cuidadosa elaboração a partir de relatos de experiências de professores e deles faz nascer reflexões sobre o papel do ensino da arte endereçado à infância. Acrescenta, ainda, indicadores de organização do ambiente, dos materiais e dos procedimentos de trabalho.

Coloca em pauta as cores e os movimentos das crianças em processo de aprendizagem na construção autônoma de ideias e expressões.

Ensina-nos, no percurso dos capítulos, a capturar camadas mais densas sobre o significado do ensino da arte, a lapidar in-

tencialidades e valores, apresentados sob diferentes formas de ler o texto e as imagens.

São provocantes lições destas páginas o exercício de ver o que dizem as fotos e o que suscitam suas nuances em nossos olhares colados à prática escolar.

Vários títulos sob forma de perguntas compõem esta obra, convocam a nossa atenção leitora, inspiram reflexões profundas, necessárias e inadiáveis para todos nós formadores de professores e de alunos.

Os relatos combinados às sugestões de práticas e às imagens fotografadas têm o poder de nos inquietar. Fazem-nos observadores atentos. Transportam-nos para outros tempos, espaços e memórias de trabalho. Oferecem-nos novos horizontes.

As cenas do livro, cuidadosamente apresentadas, permitem-nos ouvir o lugar da arte com seus encantos, mistérios, transgressões e, neles, as profundezas do humano.

Nestas páginas, vem-me à lembrança o movimento livre, belo e aberto à vida, “*porque a arte dá-nos a beleza com vida, que, como é beleza, não pode perecer*”. (Pessoa, 2011)<sup>2</sup>

Nestas propostas fervilham ideias estéticas, encaminhamentos orientadores e pistas educativas. Desperta em nós leitores o desejo potente do humano para colocar-se em ação, apreciar o belo e viver a alquimia do ato criador.

A autora tem em mente, como preconiza Morin (2000), *um ensino de perspectiva educativa*. A ação do ensino educativo pode nos ajudar a nos tornarmos melhores para assumir a parte rotineira do cotidiano e viver, intensamente, a parte poética de nossas vidas.

Cleide do Amaral Terzi  
Assessora e consultora na área de Educação

---

<sup>2</sup> SILVA, Paulo Neves da. *Citações e pensamentos de Fernando Pessoa*. São Paulo: Leya, 2011.



# Apresentação

Educar é interagir, é agir **com o outro**, o que acarreta necessariamente a transformação dos sujeitos envolvidos na convivência. Foi essa a ideia que elegemos para nomear a coleção InterAções. Acreditamos que ensinar e aprender são ações de um processo de mão dupla entre sujeitos, que só terá significado e valor quando alunos e professores estiverem questionando, refletindo, refazendo, ouvindo, falando, agindo, observando, acolhendo e crescendo juntos.

Com base nessa premissa, convidamos autores e professores. Professores que conhecem o chão da sala de aula, que passam pelas angústias das escolhas para qualificar as aprendizagens das crianças, seus alunos. Professores que, em sua grande maioria, também são coordenadores de formação de grupos de professores, conversam com professores e, portanto, conhecem o que os aflige.

A esses autores, pedimos que estabelecessem um diálogo escrito sobre temas inquietantes em suas áreas de atuação. Temas que geram muitas dúvidas sobre o que, como e quando ensinar e avaliar. Temas recorrentes que, se abordados do ponto de vista de novos paradigmas educacionais, podem contribuir para a ação, reflexão e inovação das práticas de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

Apresentamos nesta coleção situações de interação entre professores e crianças: exemplos, sugestões pedagógicas e reflexões. Pontos de partida para o professor repensar sua prática e proporcionar aos seus alunos oportunidades de se sentirem e de serem protagonistas de suas aprendizagens. Acreditamos ser importante que o professor questione sua rotina e construa um olhar apurado sobre as relações cotidianas. Estranhar o natural

estimula a criatividade, a inovação, o agir. E, assim, é possível ir além do que já se propôs no ensino desses temas até o momento.

Nosso intuito é compartilhar as descobertas geradas pelo movimento de pesquisa, reflexão e organização do conhecimento na escrita dos autores. E proporcionar ao professor leitor a experiência de um “olhar estrangeiro”, de viajante que se deslumbra com tudo e que guarda em sua memória os momentos marcantes, que passam a fazer parte dele. Queremos animar em nosso leitor a escuta atenta e estimular suas competências técnicas, estéticas, éticas e políticas, como tão bem explica Terezinha Azeredo Rios.

Em meio às dificuldades de ser professor na contemporaneidade, os profissionais da educação persistem na criação de planejamentos e ações que promovam as aprendizagens de seus alunos. Aos desafios, eles apresentam opções e são criativos. É para esses profissionais, professores brasileiros, e para seus alunos que dedicamos nossa coleção.

Boa leitura!

Josca Ailine Baroukh

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	17
<b>1 Educação Infantil e Arte Contemporânea</b> .....	25
Experiência .....	30
O que são experiências estéticas? .....	37
Imaginação .....	39
Processo de criação .....	42
<b>2 Onde está a arte? No espaço?</b> .....	45
Entre o tempo e o espaço .....	54
As paredes da escola falam? .....	56
As crianças e os espaços culturais .....	59
<b>3 Onde está a arte? Nos materiais?</b> .....	61
<b>4 Onde está a arte? Na linha?</b> .....	83
O que é o desenho? .....	93
Desenho de memória, observação, imaginação... e no espaço! .....	100
Desenhar é... ..	102



<b>5</b>	<b>Onde está a arte? No corpo?</b> .....	105
<b>6</b>	<b>Onde está a arte? Na natureza?</b> .....	115
	Natureza, alegria, felicidade .....	123
<b>7</b>	<b>Perceber, falar, pensar arte</b> .....	129
	Como apresentar as obras às crianças? .....	131
	O que as obras de arte ativam em nós?.....	133
	Ilustrações: imagens de nossa infância .....	134
<b>8</b>	<b>Formação de professores</b> .....	143
	<b>Referências bibliográficas</b> .....	159

# Introdução

Pois arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já é, e fazer um.  
Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto. Nada mais que possibilidades. Nada mais que desejos.  
E, de repente, ser realização, ser verão, ter sol. Sem que se fale disso, involuntariamente. Nunca ter terminado.  
Nunca ter o sétimo dia. Nunca ver que tudo é bom.  
Insatisfação é juventude.  
*Rainer Maria Rilke (2007)*



Lucas Donatelli Barbieri, quatro anos, brincando no Ateliê de Artes Stela  
*Fonte: Arquivo pessoal da autora*

Arte e infância... um encontro de potências que levam à criação. Um dia clareando se torna encantador a depender da forma como olhamos para ele. Cada uma das inúmeras tarefas que fazemos todos os dias também pode ser encantadora.

Os artistas nos mostram como olhar para as coisas com outros olhos. Será que olhamos nosso mundo como poetas?

Minha infância foi povoada de invenção. Introspectiva, eu costumava passar horas em uma cadeira de balanço. O pensamento voava e minha imaginação me levava a longos devaneios. Também tinha a possibilidade de fazer bolos de terra, inventar brincadeiras e me divertir com meus amigos.

A imaginação e a criatividade das crianças não têm limites, o que favorece o desenvolvimento de sua potência e a exploração e apropriação de suas múltiplas linguagens, ampliando suas formas de expressão. O trabalho com arte na educação infantil é um dos passos para cultivar essa vitalidade natural.

Escrevi a história de Henê inspirada nas criaturas que eu mesma via quando era pequena. Henê era uma garotinha com quatro anos que adorava tomar banho, e não era por causa da água do chuveiro. Ela gostava dos seres que o vapor formava na cortina transparente. Eram criaturas engraçadas, diferentes, únicas! Apareciam durante o banho, brincavam e desapareciam. Conversando com seus amigos e conhecidos, Henê descobriu um jeito de fazer com que as tais criaturas falassem com ela, desenhando um coração em cada uma. Henê encontrava, nesses momentos, um mundo de fantasias só dela, povoado por seres imaginários com os quais ela interagia.

Trabalhar com arte na educação infantil ajuda cada criança a descobrir como é seu mundo de invenções, abrir a porta para novos conhecimentos, e assim aprender a imaginar e fazer. Henê ouvia as criaturas no banho porque estava aberta a novas experiências. Estar disponível e prestar atenção a tudo o que ocorre ao redor é fundamental para que se veja o mundo de forma mais ampla.

Planejar e executar são ações fundamentais na vida dos adultos, e não nos damos conta do quanto a arte e o brincar podem contribuir para nos organizarmos com criatividade e invenção. Há momentos em que parece termos perdido a conexão com o sensível cotidiano, mas é importante que a reatemos e que a apresentemos para as crianças. Ao favorecer o desenvolvimento

da sensibilidade e da percepção estéticas, o ensino da arte na educação infantil proporciona às crianças que leiam e interpretem do seu jeito o mundo que as rodeia e, assim, se transformem e o transformem.

No universo escolar, a arte possibilita o entrecruzamento de diversas áreas do conhecimento. Isso também acontece na arte contemporânea, que opera em campo sem fronteiras, por suas múltiplas possibilidades de ação e apresentação. A partir de uma ideia (conceito, projeto) ou da experiência com materiais, o sujeito pode expressar o que sente, pensa, observa, imagina e deseja.

Para que tomemos consciência do que vivemos, é fundamental observar e questionar o mundo à nossa volta, de forma a ensinar a cada criança o papel de pesquisador frente ao que se apresenta em seu caminho – como as nuvens, as labaredas de uma fogueira, a areia, a terra, a água e outros tantos elementos e ideias. Para isso, é necessário que o educador também seja pesquisador e criador, que se indague sobre o mundo e os assuntos estudados – antes e com as crianças – e com elas vá fazendo perguntas, investigações e descobertas – ouvindo-as, observando-as, traduzindo seus olhares e sons e ampliando suas questões.

O papel do professor de artes é observar e escutar as pistas que as crianças deixam ao longo do percurso. Cada criança é um universo potente de expressão, que oferece alguns pontos de partida para o professor criar ações poéticas e momentos de interação. Tais ações, por sua vez, ampliam as ideias e a imaginação das crianças, as encorajam a fazer perguntas, projetos e a buscar sua realização. É importante que o professor crie condições e ofereça tempo para que as crianças possam realizar seus trabalhos.

Todas as informações visuais internas e externas são possibilidades de investigação para a formação em arte. Observar a organização e a desorganização do mundo pode trazer inúmeros elementos a serem estudados. Aspectos relativos à natureza, desde sua mais ampla expressão até sua selvageria, também são ricos em referências e materiais. Imagens às quais todos são expostos diariamente e a maneira como cada um as vê e seleciona o que ver são outras formas de despertar o interesse e o envolvimento

no ensino e aprendizagem de arte. Uma simples folha caída pode render muitas brincadeiras, conversas e trabalhos.

O envolvimento do professor é imprescindível para que o ensino da arte proporcione momentos de interação e aprendizado. Como as crianças, cada professor é único e traz consigo vivências que se expressam em sua maneira de ensinar. Cada ação que realizamos está conectada à memória de tudo que sentimos e fizemos; todas as experiências de uma área de nossa vida tocam as outras e, como a respiração, circulam, sempre em movimento. Não há como separar. Somos, além de professores, mães, pais, avós, filhos, profissionais de outras áreas. E é esse todo que atua em sala.

A convivência com crianças pode proporcionar aos professores inspiração para muitas realizações. As crianças influenciam diretamente todo meu percurso criador como artista, e conviver com elas me traz sempre novos pensamentos e percepções. Comecei a trabalhar com crianças aos 14 anos, cuidando de nenês, que eram um prazeroso mistério – e ainda são! Um encantamento do que está começando, que é sensível, vital, que chora e não sabemos direito por que está chorando. Um encantamento pelo mistério que há em cada um de nós.

Aos 17 anos, tornei-me professora de crianças de três anos. De novo, aprendi com a experiência e com o estudo a entender as crianças – e a mim mesma. Na mesma época, comecei minha trajetória como artista, em um coletivo com mais duas amigas – fazíamos intervenções urbanas na cidade de Campinas (SP). Desde então, a educação e a arte fazem parte de todos os dias da minha vida!

Em ambas – educação e arte – pode haver muita vitalidade. Mas, ao escolarizar mecanicamente a arte, criamos núcleos de desvitalização, que vão contaminando os lugares com rigidez e aridez. Quando enrijecemos a educação, a alegria não entra mais na escola, não ouvimos as crianças e acabamos perdendo a vitalidade que elas têm – o olhar curioso, a imaginação fértil, que desembocam em pensamento criativo.

Quando vejo crianças concentradas fazendo arte, penso que tudo passa rapidamente, o tempo voa, e não podemos perder a chance de viver momentos de cumplicidade com elas. Quando

as crianças estão muito concentradas em alguma ação, tenho a impressão de que trazem a eternidade consigo. Entregam-se por inteiro, pois é a coisa mais importante que elas têm a fazer naquele instante. Aproveitam tudo – absolutamente tudo – vivendo a eternidade única daquele momento.

Momentos em que as crianças se concentram e se dedicam integralmente a uma ação que contribui muito para a formação delas. Tais experiências se impregnam nelas, e é por isso que o ensino da arte na educação infantil precisa contemplá-las.

O lugar do educador se assemelha ao do artista, porque ambos lidam com a possibilidade de criar novos sentidos. O professor percebe as crianças como o artista se aprofunda em suas investigações. O professor cria seu planejamento e seu caminho de ação, permitindo também que o conteúdo trabalhado o transforme e se atualize a cada aula, por meio da relação que estabelece com as crianças.

Neste livro, minha intenção é dialogar com as reflexões e perguntas dos professores sobre arte na educação infantil. Por isso, convidei professoras que trabalham com artes nessa fase da escolaridade em diferentes regiões do país para que colaborassem, trazendo depoimentos, inquietações e dúvidas sobre o ensino da arte para crianças pequenas. Conheça, a seguir, um pouco de cada uma delas.

Rosely Petri Sarmiento é gerente da Educação Infantil e formadora do Programa Formar em Rede/Instituto Avisa Lá, em Rondônia (RO).

“Sei que tenho muito o que aprender sobre a criança, a arte e a educação. Estou em processo de aprendizagem também, ao passo que educo e me educo. Sem essa dinâmica, não me faço professora.”

Domingas Pereira da Silva é professora estadual e municipal, e atualmente integra a equipe de supervisão da Secretaria de Educação de Taboão da Serra (SP).

“Tenho acompanhado um trabalho brilhante em algumas escolas de Educação Infantil no município de Taboão da Serra com o Projeto Fazendo Arte na Escola. As crianças têm a oportunidade de expressarem seus saberes, sentimentos e desejos.”

Leusa de Melo Secchi é professora da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande (MS). Atualmente, exerce a função de técnica da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande na Coordenadoria de Educação Infantil. É professora do curso de Pedagogia do Instituto Superior da Funlec – IESF na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil e membro do Fórum de Educação Infantil de MS.

“Tenho proposto que parte do processo de formação seja destinado a nutrir com arte a vida desses sujeitos. Essa é uma proposta em andamento! (...) Nosso objetivo aqui é que a escolha seja feita em função do propósito de ampliar o universo cultural de cada um e da intenção de criar hábitos de apreciação e fruição dessas manifestações.”

Kézia Duarte de Souza Galvão é pedagoga e especialista em Educação Infantil. Atua há sete anos como coordenadora do Núcleo de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Teixeira de Freitas (extremo sul da Bahia) e participa como formadora local do Programa Formar em Rede – Instituto Avisa Lá.

“Sabemos da importância de as crianças, desde cedo, terem a oportunidade de se expressar utilizando as diferentes linguagens.”

Márcia Sebastião tem formação em Magistério e bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Trabalha

há 24 anos na Creche e Pré-escola Central da USP e 10 anos em EMEI da Prefeitura de São Paulo.

“A criança leva para a vida, para suas escolhas, as vivências que teve em artes. (...) Para a primeira infância, pensar em atividades de artes gera muitos questionamentos, principalmente para a faixa etária de um a dois anos.”

Maria Dalva Lopes de Souza é natural do estado do Piauí e mora em São Paulo há 26 anos. Atualmente, exerce a função de professora Nível I – Educação Infantil. Trabalha com crianças na faixa etária de três anos, no Centro de Educação Infantil Padre Pedro Ballint, pertencente ao Unas – União de Núcleos Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco.

“Gosto muito do que faço e tenho curiosidade e vontade de aprender cada vez mais para poder desenvolver um trabalho de qualidade com os pequeninos.”

Maria Cláudia Perna da Silva é professora de Educação Infantil na prefeitura da cidade de São Paulo há sete anos e na Creche e Pré-Escola Central da USP há 18 anos.

“Quando sou questionada a respeito de minha prática, envolvo-me em um desafio porque, além de pensar em uma boa resposta, tenho de ser coerente com o que faço, devo avaliar meu trabalho, meu papel social, se meus estudos estão suficientes, se estou atualizada, enfim, vêm à tona uma série de questões, como se tivesse uma ‘pulga atrás de minha orelha’, que me desequilibra e me empurra a caminhar novamente.”



Convido você, professor, a refletir comigo e com essas educadoras sobre a arte na educação infantil. Para isso, proponho uma pergunta: qual o lugar da arte em sua vida?

Stela Barbieri



# 1 Educação Infantil e Arte Contemporânea

Obras de arte são poderosas encarnações de interesses comuns, pedem uma interpretação ativa, podem unir diversos meios de pensamento, relacionam-se a vários contextos e são suscetíveis a múltiplas interpretações. Por essas razões, o estudo da arte promove em sua mais alta sofisticação o tipo de entendimento exigido por uma sociedade pluralista, na qual grupos podem coexistir com diferentes histórias, valores e pontos de vista.

*Michael J. Parsons (1999)*

A arte contemporânea – arte de uma sociedade pluralista – dialoga com o universo das crianças pequenas porque trata de todos os assuntos do mundo, aqui e agora. Assim como os artistas contemporâneos, elas não estão preocupadas com as fronteiras entre as linguagens.

O ensino deve estar conectado ao seu tempo. Se pensarmos na produção de arte contemporânea, os mais variados aspectos da vida ressoam nas poéticas dos artistas: aspectos sociológicos, científicos, antropológicos, cotidianos – tudo é assunto para a arte. A arte, como todas as outras áreas, permeia o dia a dia da criança.

A arte contemporânea tem muito a nos ensinar sobre como lidar com a contemporaneidade, para perceber caminhos de diálogo e, ao mesmo tempo, caminhos para o devaneio, que nos levem a outras possibilidades de ações, outros modos de olhar para as questões contemporâneas e poder solucioná-las de maneiras inusitadas.

As crianças são sinestésicas, ou seja, todos os seus sentidos estão despertos a cada momento. Elas são chamadas por aquilo que lhes interessa, por uma curiosidade que as põe em movimento. Quando acordam de manhã, as crianças já são tomadas por variados interesses: querem subir em tudo, abrir caixinhas, brincar, montar, ver tatu-bola no chão, formiga andando, passarinho voando, o avião que passa.

A professora Rosely, apresentada na Introdução, traz uma valiosa colaboração sobre arte e criança:

“As crianças são como a Arte: pura expressão. Acho que é por isso que os adultos as chamam de arteiras. Há afinidade entre as crianças e a arte – espontaneidade, capacidade de comunicar, de dialogar com o mundo, com a vida. Então, podemos dizer que ambas se alimentam da mesma fonte.”

As palavras de Maria Amélia Pinho Pereira (2009), conhecida como Péo, pedagoga e pesquisadora da cultura infantil, dialogam com a colocação da professora:

Confesso que a primeira vez em que ouvi soar a palavra arte, era ainda criança e escutei minha mãe chamando meus irmãos, que estavam no quintal, construindo uma cidade com pedras, barro, gravetos, areia e água. Era o horário do almoço e eles não apareciam. Ela os chamava insistentemente e eles não a escutavam, tal era a concentração e entrega ao que estavam fazendo. A demora foi se alongando tanto, que minha mãe se dirigiu até onde estavam, falando em tom meio bravo pelo caminho: “Estes meninos estão a fazer alguma arte”. De fato estavam! Retirá-los daquele espaço mágico não foi fácil. Vi essa cena se repetir muitas vezes. Assim, o som da palavra arte ficou para mim gravado como uma brincadeira de menino que extrapola os tempos e espaços do mundo adulto.

O que está acontecendo agora, neste momento, é o que interessa para as crianças e para os artistas contemporâneos. Muitos artistas circulam entre os campos da arte e não estabelecem fronteiras entre pintura, desenho, instalação, *performance* e vídeo. Na vida, há permeabilidade e simultaneidade nos acontecimentos – muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo e interferin-

do umas nas outras. As crianças também são assim, cantam enquanto desenhavam, então levantam e dançam – têm uma atenção ampliada e podem perceber várias situações ao mesmo tempo.

É comum vermos o impulso ativo das crianças ser represado nas escolas. Sua necessidade potente, conectada, presente e de movimento constante, muitas vezes não tem espaço nem lugar para acontecer. É preciso reconhecer que as crianças pensam de uma maneira peculiar que precisa ser considerada nas condições que oferecemos a elas na educação infantil.

As crianças pequenas precisam de espaço para se colocar e ser o que são. Quanto mais tivermos escuta e abertura, propondo situações em que elas sejam protagonistas, tanto mais contaremos com o envolvimento e a alegria de cada menino e menina. O papel do professor é ajudar a criança a realizar suas ideias. As crianças, assim como os artistas contemporâneos, falam “eu preciso de vermelho”. Elas sabem o que querem, têm necessidades poéticas, premências e urgências.

As crianças trazem questões de suas vidas em seus trabalhos de arte. Muitas vezes, desenhavam e pintavam contando histórias, misturando super-herói com pai, com vizinho. A escola pode ser espaço para construir e reconstruir o mundo, poder falar sobre a vida e se sentir pertencente a essa comunidade, logo, livre para se expressar. Essa ampliação de campo significa ampliar os horizontes.

Ser professor é estar atento a como são diferentes as crianças. Cada uma tem uma maneira singular de se expressar. Enquanto uma faz um desenho delicado, com a pontinha do lápis, a outra precisa rabiscar, porque tem muita energia e uma expressão mais contundente. Muitas vezes, não temos um olhar para isso, para esse território amplo de tantas expressões.

A abertura com que olhamos para aquilo que a criança faz é o que cria o território de pertencimento. Ao desenvolver sua percepção, o professor fica mais sensível às necessidades de cada criança. Escutá-la significa perceber, com o corpo inteiro, o que ela está querendo dizer. Voltando à epígrafe, como a obra de arte pede uma interpretação ativa, as crianças solicitam que o profes-

ador interprete suas necessidades. Essas interpretações se transformam em ações que oferecem ferramentas necessárias para que as crianças atuem no mundo, e a arte é uma dessas ferramentas. O acesso às várias linguagens artísticas na escola propicia a expressão singular de cada um, ao mesmo tempo em que exercita a participação coletiva. Essa é uma experiência próxima à do cidadão que, guardando sua singularidade, participa ativamente da vida da comunidade a que pertence.

Estamos vivendo em um mundo onde não existe mais separação entre o universo da criança e o universo do adulto, as crianças pequenas são atravessadas pelo mundo, a infância está desarticulada de seu sentido, está sendo violentada. É necessário preservar o universo da criança, para que ela possa brincar e exercitar a sua potência de inventar e construir. Sônia Kramer (1999), professora e pesquisadora da Educação da PUC-Rio e Universidade Estadual do Rio de Janeiro, coloca que:

(...) o adultocentrismo marca as produções teóricas e as instituições. Reconhecer na infância sua especificidade – sua capacidade de imaginar, fantasiar e criar – exige que muitas medidas sejam tomadas. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido da história, requer que se conheça as crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam.

No universo escolar, temos questões de tempo, espaço, estrutura, mas é possível inovarmos com parcerias dentro de uma instituição, de um sistema. Temos que desenvolver, costurar parcerias, pois qualquer educador precisa do outro para ser educador. Parcerias com todas as pessoas, pois todos que estão na escola são educadores – desde o porteiro até a secretária, a pessoa que limpa a sala, a merendeira. Todos ensinam à sua maneira sobre como estar no mundo.

A relação entre arte e cultura é pendular. A arte é a singularidade da experiência e a cultura é a experiência compartilhada.

da socialmente. A cultura integra as singularidades e vai além delas. No vai e vem do pêndulo, a arte e a cultura vão se constituindo, bebendo das experiências singulares e criando experiências coletivas.

Por isso, acredito que a cultura de cada uma das pessoas que está na escola pode ser incluída no currículo. Dessa forma, o trabalho ganha singularidade – é vivo, pois é feito pelas pessoas envolvidas. As cantigas, histórias, brinquedos e brincadeiras da cultura da infância lembradas pelo porteiro, merendeira, professora, secretária e diretora podem ser aprendidas pelas crianças. Qual é o universo cultural de sua escola? Ele é único! Quais são as cantigas que você cantou na sua infância, de que histórias mais gostava, como desenhava, de que imagens se recorda, o que pode compartilhar?

Cada pessoa tem seu repertório que pode ser riquíssimo e muitas vezes pouco valorizado, ficando perdido em um cantinho da memória. É preciso soprar essa brasa da cultura singular de cada lugar para que se fortaleça na escola. Temos camadas de riquezas dentro de nós, que precisam ser compartilhadas e ensinadas para as crianças. Para isso, os pais também devem ser chamados a trazer suas contribuições, e todas elas precisam ser compartilhadas. Caso contrário, uma riqueza cultural ancestral vai se perdendo, a cultura da televisão vai se impondo e se perpetuando.

Por outro lado, todos nós temos muito a aprender com as crianças, porque elas têm frescor e uma comunicação direta.

## Experiência

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos.

*Campbell (1990)*

Quem vive na contemporaneidade está em constante movimento. Nossa atenção está dividida entre muitos assuntos que nos requisitam o tempo todo, lidamos com várias coisas ao mesmo tempo. Mesmo que consigamos fazer uma de cada vez, ficamos sobrecarregados e com frequência não nos damos conta do que estamos vivendo. Nesse contexto, a palavra “experiência” pode adquirir vários significados e conotações singulares para cada pessoa. Cada experiência que temos é única e, portanto, intransferível. Experiências podem ser compartilhadas, mas jamais transferidas para outras pessoas.

No momento atual, somos obrigados a mudar de assunto constantemente. No cotidiano, vivemos uma infinidade de situações. No decorrer de um dia apenas, vemos muitas pessoas; sentimos muitos cheiros, temperaturas, texturas; mergulhamos no ritmo e na cadência da cidade. Por mais que uma situação seja volátil e passageira, pode sempre ser uma experiência, e cada uma delas contribui para fazer de nós o que somos. Mas as experiências mais marcantes, que nos tomam e nos transformam, muitas vezes podem acontecer em um milésimo de segundo e nos marcar para o resto da vida.

Ser professor na contemporaneidade é bastante complexo. Precisamos administrar casa, saúde, família, formação profissional – uma infinidade de compromissos. Mesmo na escola onde trabalhamos, vivemos inúmeros momentos de convivência com estudantes e colegas, que podem nos marcar mais ou menos. Dentro da escola e também fora dela, vivemos diferentes papéis, o que possibilita a ampliação de nossa perspectiva de vida.

O autor Jorge Larossa diz que a experiência não é aquilo que passa por nós, mas aquilo que se passa em nós, aquilo que fica gravado nas nossas entranhas. Muitas vezes, nas aulas de artes, perdemos a possibilidade de fazer propostas significativas para as crianças. Às vezes, procuramos materiais ou técnicas requintadas e aquilo não fala com os meninos. Conhecer os materiais e procedimentos para oferecê-los como ferramentas é papel do professor, mas também é seu papel estar atento às perguntas das crianças. Em vários momentos, uma ação muito simples, com materiais acessíveis, funciona melhor.



Raphaella brincando com massinha  
Fonte: Ateliê de Artes Stela



É importante propiciar experiências significativas, olhar para a criança que está na nossa frente. Perceber as experiências significativas que as crianças trazem de suas casas, de seus finais de semanas, de suas vidas, perceber aquilo que está falando com a criança pode enriquecer o trabalho do professor com seus estudantes.

Propiciar experiências significativas às crianças, em primeiro lugar, exige que tenhamos claro o que é ter uma experiência. Para nos aproximarmos desse conceito, vamos refletir sobre seus vários significados. O que é experiência para você? Quais as imagens, palavras, sensações que essa palavra desperta? Qual é o sabor da palavra “experiência”? As palavras se revestem de imagens, conceitos e temperaturas. Aqui, trataremos dos significados da palavra “experiência” sob vários pontos de vista:

Tomá-la como coisa viva, pulsante, não como vogais e consoantes ou como um pobre envoltório de informações cerebrais. Tomá-la nos olhos, na boca, nos ouvidos, na pele dos dedos e do corpo, para sentir antes de compreender. (WERNECK, 2004)

Quando ouvimos ou lemos a palavra “experiência”, pensamos nas concepções que já temos. A experiência pode ser tomada como ato ou efeito de experimentar (-se), de provar algo novo, entrar em contato e explorar possibilidades. Na infância, temos uma prontidão para viver experiências, estamos mais dispostos e curiosos para descobrir novas possibilidades de uso dos objetos, queremos desvendar mistérios e conhecer o que ainda não conhecemos.

Conforme o tempo vai passando, vamos tendo dificuldade de nos mantermos presentes em tudo que fazemos. A presença é fundamental, é ela que nos mantém conectados com o que está vivo, com o movimento, com o aqui e agora. É o que acontece com as crianças: quando estão brincando, elas não estão pensando em outra coisa, elas estão fazendo e pensando, com corpo presente, de forma presente, aqui e agora.

A passagem dos anos faz com que nos tornemos menos dispostos a ter novas vivências, quando adultos. Acabamos nos satisfazendo com o que já conhecemos. Porém, quando vivemos uma nova experiência, experimentamos a nós mesmos em circunstâncias desconhecidas.

Para que sejamos consideradas pessoas “bem-informadas”, é comum que haja pressão para que participemos de eventos e também para que nada aconteça sem que tomemos conhecimento. Assistir a um filme ou uma peça de teatro que acaba de estreiar, ler as novidades do mercado editorial, ver as exposições em cartaz. É como se informação e experiência fossem sinônimos, mas isso não passa de ilusão! Ter uma experiência envolve muito mais do que cumprir um compromisso com a própria atualização. Não basta viver algo, é preciso permitir que as vivências nos toquem e nos transformem.

Quando nos tornamos mais informados, não significa que tivemos uma experiência em nossas vidas. Estar informado é relevante, mas não é tudo. É apenas uma camada para chegarmos ao conhecimento.

A forma de usufruir das vivências que temos é estar atento para o que cada situação nos fala, permitindo que a experiência enriqueça nosso olhar, nossa história e nossa comunidade. Passar a vida fazendo de tudo, sem deixar que experiências de fato aconteçam, não permite que nos transformemos, tampouco mexe com nossas sensações, reflexões, ideias e conceitos. Isso só acontece quando temos abertura para observar, sentir e pensar o mundo. A arte pode nos ajudar neste sentido, nos fazendo olhar a realidade de outras formas.

Onde vivemos, existem espaços disponíveis que propiciam uma visita interessante? Pode ser uma praça, uma instituição cultural, a casa de um artista, o rio, a floresta. Como professores, precisamos estar atentos às nossas escolhas, pois decidimos as vivências que as crianças terão. Quais escolhas você tem feito?

Que experiência oferecemos nas situações propostas? Qual é a qualidade delas? O quanto nos permitimos entrar em contato com o que nos propusemos conhecer? Livros, internet, es-

paços culturais e outros meios nos proporcionam informações permanentemente. No entanto, tanta informação se torna pobre sem a experiência. Corremos o risco de consumir tudo excessivamente e, desse modo, cair no vazio. Ao fazermos nossas escolhas, convém refletir a respeito. A proposta tem potencial para proporcionar experiências relevantes?

Nos encontros que vivemos, nos contaminamos e misturamos com os outros, vivendo fusões momentâneas. Hoje, vemos uma situação de um jeito, com mais distanciamento; amanhã, olhamos para ela e a enxergamos de outro. O lugar do professor contemporâneo também é o lugar do transitório, cheio de incertezas e em constante movimento. Por isso, as intenções que permeiam nosso planejamento e situações didáticas precisam estar claras. A sala de aula nos traz surpresas o tempo todo. Fazemos um planejamento e, chegando na escola, pode ser tudo diferente. O trabalho se faz da nossa relação e do nosso encontro com os estudantes. É por isso que prestar atenção às necessidades de cada aluno é imprescindível para todo educador.

Dessa forma, podemos criar um lugar de invenção, impermanente, onde a relação com o planejamento não é linear, como imaginávamos, já que a cultura é o lugar do inesperado, do encontro com o outro. Crianças pequenas, então, são totalmente imprevisíveis!

Outra possibilidade para pensarmos a experiência: trabalhar muito tempo em uma mesma profissão pode não ser sinônimo de experiência. Em situações assim, o risco de vivermos mecanicamente nosso dia a dia é **grande... Muitas vezes, a experiência** pode trazer, para alguns, ares de superioridade, como discute Walter Benjamin (2009):

A máscara do adulto chama-se experiência. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre a mesma. Esse adulto já viveu tudo: juventude, ideias, esperança...

Cada vez mais nos apegamos às nossas certezas, a tudo que não exige muito esforço. Como podemos nos repensar como adultos curiosos? No que a minha curiosidade está posta no cotidiano?

Nossas experiências particulares são diferentes das que vivemos no espaço público. A pessoa que as vive, porém, é a mesma. É constante o risco de delegarmos a outros nossa formação e nossa experiência. O governo, a diretora da escola, o mundo não terão experiências por nós. Existem decisões que apenas nós podemos e devemos tomar. Cada um de nós é responsável pela própria formação e pela própria biografia, não devemos esquecer disso nunca.

Nossa presença verdadeira em cada ato é condição para atualizar nossa trajetória e nossa experiência de vida, evitando seguir fórmulas e rótulos que o mundo contemporâneo tende a criar para “facilitar” as coisas. Algo que está classificado, “em seu devido lugar”, não precisa ser olhado ou questionado. Temos que olhar e questionar o mundo sempre!

O que se exige do professor contemporâneo é muito mais do que simples classificações. A criança que se apresenta solicita um modo de pensar complexo, que olhe a realidade em várias camadas, e por vários pontos de vista. Os questionamentos feitos pelos estudantes exigem articulação, interlocução por parte do professor, para que o diálogo ocorra.

Como podemos evitar que a correria do mundo nos engula? O que fazer para que a vida não passe correndo diante de nossos olhos? Tornar o lugar da experiência válido e potente é, de fato, um desafio. Crianças e jovens passam tempo considerável de suas vidas na escola e convivem mais com os colegas e professores do que com os próprios familiares. Propiciar momentos significativos para eles e também para nós, professores, é necessário. Mesmo porque, assim como os estudantes, também é comum que nós passemos mais tempo no trabalho do que convivendo com nossos familiares.

Para que nosso trabalho com as crianças seja vigoroso, precisamos manter viva nossa curiosidade, como fazem os viajantes. De acordo com Claude Lévi-Strauss (2004), o viajante constitui

sua identidade com as vivências que se acrescentam ao longo de sua trajetória, ao final da qual ele mesmo será também outro. As experiências vividas são também experiências de deslocamento.

Agir como um viajante é ser curioso, buscar o novo, fazer caminhos diferentes e conhecer lugares antes nunca visitados. Também é reparar na natureza, nas pessoas, nas informações sensoriais que o mundo traz. Quem age como viajante tem uma experiência estética a cada instante e isso é extremamente natural para as crianças.

Mesmo os lugares mais comuns e corriqueiros que frequentamos podem nos proporcionar vivências estéticas, como a praça do bairro, a feira e a padaria. Na periferia, esses lugares têm uma cara; no centro, têm outra. Dependendo do bairro, tais espaços têm características específicas que os diferenciam de outras praças, feiras e padarias da cidade. Como é a sua comunidade? E a comunidade das crianças? O que tem em comum e o que tem de diferente?



Mercato Di Fiori - Roma, Itália



Alter do Chão - Pará, Brasil



Mercado de Kioto - Japão

Fonte: Arquivo pessoal da autora

O Brasil é muito diverso e tem lugares com características peculiares e singulares espalhados de norte a sul. Conhecer nosso país pode propiciar experiências enriquecedoras, que ampliam nossos horizontes culturais e nosso imaginário. Como possibilidade educacional, tantos contrastes fornecem um grande universo a ser pesquisado. A arte, como conhecimento, pode propiciar experiências significativas.

## O que são experiências estéticas?

Cheiros. Desconfio que algumas das coisas mais antigas de que a gente se lembra são os cheiros. Acho também que a gente é capaz de localizá-los no tempo. Sempre tenho uma ressonância intensa quando vou à França.

Acho que pode ser porque quando tinha um ano, e depois, novamente, quando tinha dois, a família passou um mês numa fazenda. De algum modo, os cheiros da fazenda me parecem ser o lugar onde me sinto em casa, num sentido muito profundo, parecem ligar-me à terra...

*Oliver Sacks (1998)*

Qual é sua experiência estética mais antiga?

Entre o homem e a natureza, colocam-se símbolos, linguagens. A linguagem é a significação que damos à existência, é o caminho que a criança inventa para se colocar. Isso é a constituição da linguagem – como a criança constrói esse caminho. Por meio da linguagem, a criança vai criando seu território expressivo e de ação, vivendo sua experiência estética.

Todos nós temos experiências estéticas desde que nascemos, porque elas se relacionam com a estrutura que vai se criando, tanto em nosso pensamento como em nossa percepção. Fazem parte da experiência estética: cheiros, gostos, sons, temperaturas, texturas, imagens. Walter Benjamin fala que em cada gesto está contida toda a nossa biografia. Tudo que vivemos, tudo pelo que passamos, de alguma forma vai contribuindo para esse manancial de possibilidades que nós somos.

Às vezes, experiências estéticas muito remotas nos remetem a outros momentos de nossa vida. Pessoas que viveram na roça, por exemplo, são levadas ao passado ao observar atentamente a cor da terra, o **pôr do sol ou uma planta brotando**. Essa experiência estética faz com que nossa linguagem seja mais ampla. Se observamos as relações cromáticas dos objetos ou na natureza, temos recursos mais precisos para percebê-las. Se já usamos muitas cores, quando vamos usar determinada cor, sabemos mais dela. E é assim, também, com as palavras. As pessoas que conhecem muitas palavras e sabem o sabor de cada uma, quando falam, mostram esses sabores, que vão se articulando e criando um discurso poético.

É preciso compreender que a evolução estética não se refere apenas e necessariamente à arte; refere-se também à integração mais intensa e profunda do pensamento, do sentimento e da percepção. Pode, assim, suscitar maior sensibilidade em face da educação. (DUARTE Jr, 2000)

Esse universo de experiências é inerente, é algo que faz parte da existência humana desde que a criança nasce. A professora Leusa, apresentada na Introdução, relaciona arte e linguagem no universo da Educação Infantil:

“Afinal, arte é linguagem e linguagem é o traço diferencial da espécie humana. (...) torna-se imprescindível que a Educação Infantil seja um espaço de acesso às manifestações artísticas e culturais produzidas pela humanidade. Portanto, somente o trabalho com arte poderá fortalecer e assegurar, por meio das múltiplas linguagens, a autoria e expressão das crianças pequenas, a fim de que elas possam se relacionar com o mundo e compreendê-lo, ampliando assim seus referenciais e potencialidades humanas.”

Quando a criança chega à escola, por menor que seja, já traz consigo um universo de experiências. E isso vai fazendo com que sua linguagem tenha singularidade, ou seja, as palavras que ela já experimentou vão constituindo seu discurso. As cores que conhece, os movimentos que já fez, os cheiros que sentiu, os sons que ouviu. Nosso compromisso, como educadores, é justamente criar possibilidades para que as experiências estéticas sejam ricas e não se transformem em uma equação pronta que empobreça o universo da criança.

## Imaginação

A imaginação é o lugar onde chove.

*Xamã*

A imaginação não é um estado, é toda uma existência.

*William Blake*

Onde está sua imaginação? Por onde ela anda? Faz parte do seu dia a dia? Ou você se deixa engolir pelas tarefas, e não devaneia? Que tipo de experiências a imaginação nos propicia? A imaginação é um recurso revolucionário. Com ela, podemos projetar situações, atos, construir prédios, ter fantasias e resolver problemas. Noemi Jaffe (2004), professora e escritora, diz:

Imagine um mundo sem imaginação. Mas daí não dá para imaginar. E por que imaginar? Porque essa é a linguagem que expressa as coisas não como elas são, mas como nós gostaríamos ou não gostaríamos que elas fossem. Ou seja, se você conseguiu imaginar a vida sem imaginação, é o mesmo que pensar numa vida sem martelos, pregos, garfos, violão, cafezinho, elevador, arco e flecha e amor. Uma vida sem transformações.



Tudo o que foi criado pelo homem foi imaginado primeiro. Aristóteles dizia que a imaginação vem do mesmo lugar da alma e a memória. Imaginação e memória alimentam-se mutuamente, trazendo, a cada momento, um novo conjunto de relações entre o vivido e o imaginado. Quantas emoções a imaginação pode nos trazer? Algumas vezes, ouvimos: “Estou emocionado só de imaginar!”. Vamos acompanhar agora o poeta Sufi Jalaluddin Rumi:

Imagine-se deslizando pelos ares na encosta de um rochedo como uma águia.

Imagine-se andando na floresta, sozinho como anda um tigre.

Você é mais belo quando está à procura de comida.

Fique menos tempo com rouxinóis e pavões.

Um é apenas uma voz, outro apenas uma cor.

Poemas são pílulas de significados, são obras de arte e, como tais, possibilitam leituras em camadas. Ao lermos esse poema, podemos mergulhar em diferentes profundidades. Os artistas são inventores de novos sentidos para o que há no mundo: visualidades, sons, histórias e movimentos. No entanto, não cabe só aos artistas imaginar e vivenciar o mundo.

Os arquitetos são inventores de lugares, de cidades, de paisagens. Os cientistas são inventores de novas perspectivas, solucionam problemas e ultrapassam limites. Todas as pessoas podem ser inventoras de suas próprias trajetórias, perceber o mundo à sua volta e criar metas, desejos e projetos a serem realizados.

Pela imaginação o homem se afirma como um rebelde. Um rebelde que nega o existente e propõe o que ainda não existe. E, assim, ‘(...) a rebeldia é a pressuposição básica de qualquer ato criativo. Ao ordenar e plantar um jardim, nos rebelamos contra a aridez da natureza. Ao lutar contra a enfermidade, nos rebelamos contra o sofrimento. Dize-

mos uma palavra de alento porque nos rebelamos contra a solidão. Aceitamos a perseguição por causa de uma razão justa porque nos rebelamos contra a opressão e a injustiça. Os animais não podem rebelar-se. Precisamente por isso, tampouco podem ser criadores. (...) O ato da criação é profundamente subversivo: visa alterar a ordem (ou a desordem) existente para imprimir um novo sentido. Visa transformar aquilo que é naquilo que ainda não é, tal como o deseja a imaginação. (DUARTE Jr, 2000)

O lugar do educador tem aspectos similares ao lugar do artista, porque ele lida com a possibilidade de criar novos sentidos, tanto em relação aos conteúdos curriculares quanto em relação à informação e à percepção de seu próprio grupo de estudantes. Ele cria seu planejamento e seu caminho de ação, permitindo que o conteúdo trabalhado o transforme e o atualize a cada aula, na relação com os alunos.

Informação sem imaginação não cria sentido e tem pouca utilidade em nossas vidas. Quantos de nós tivemos em nossa formação professores que permaneciam escrevendo na lousa? E isso ainda existe. Nós ficávamos copiando. E quantos de nós, na penneira da memória, trazemos esses conteúdos com significação? Certamente, algo que fazia pouco sentido para o professor faz pouco sentido para nós. Porque não se deu um encontro entre o professor e o aluno, criou-se um entrave no aprendizado. Queremos ser outros professores. Imaginar e preparar nossas aulas com intencionalidade e cuidado possibilita que sejamos inventores de encontros, que estejamos envolvidos no que estamos vivendo. Como você está planejando suas aulas? O que sabe das crianças? Pensa nelas quando planeja?

## Processo de criação

Discutir arte sob o ponto de vista de seu movimento criador é acreditar que a obra consiste em uma cadeia infinita de agregação de ideias, isto é, em uma série infinita de aproximações para atingi-la (Ítalo Calvino, 1990).

Arte não é só o produto considerado acabado pelo artista: o público não tem ideia de quanta esplêndida arte perde por não assistir aos ensaios (Murray Louis, 1992). O artefato que chega às prateleiras das livrarias, às exposições ou aos palcos surge como resultado de um longo percurso de dúvidas, ajustes, certezas, acertos e aproximações. Não só o resultado mas todo esse caminho para se chegar a ele é parte da verdade (Marx citado por Eisenstein, 1942) que a obra carrega.

*Cecília Almeida Salles (2009)*

A autora dessas palavras, Cecília Salles, pesquisadora dedicada à Semiótica, estuda a gênese do trabalho dos artistas. Não o que o artista cria, mas como o processo de criação ocorre. Com as crianças, ocorre exatamente como ela descreve. Quando vemos o desenho de uma criança, não temos ideia de quanta elaboração e diálogo ela manteve com aquele desenho antes de considerá-lo concluído.

Cecília nos conta, em sua obra *Rede de Criação* (2008), que o escritor Luís Inácio Loyola Brandão, para escrever um de seus livros, fez uma planta da cidade onde a história se passava. Ele fez um mapa, uma planta baixa da cidade com indicações das casas dos personagens, a praça, entre outros cenários da narrativa.

Os processos de criação podem ser individuais ou coletivos. De qualquer forma, os sujeitos criam regras e estratégias para que o processo se desenvolva, mesmo que isso ocorra de maneira intuitiva. Aquele que produz um trabalho, escolhe os materiais e circunstâncias em que vai produzi-lo. Ou, diante de circunstâncias dadas, resolve o que vai fazer.

A professora Márcia Sebastião, apresentada na Introdução, enviou-me a seguinte pergunta: “Como equilibrar produções coletivas e individuais e em quais situações oferecer uma ou outra às crianças?”.

Podemos propor produções coletivas ou individuais dependendo do que o trabalho pede e do que planejamos. Muitas vezes, as crianças querem pintar um rio, uma extensão enorme – um trabalho para ser feito em conjunto. Em outros momentos, as crianças querem desenhar, constituir seu alfabeto particular, sua maneira de se expressar. Nesse caso, a proposta deve ser individual. O ideal é que possamos perceber o movimento das crianças para decidir quando é necessário que as propostas sejam individuais ou coletivas e que possamos equilibrá-las.

Ainda relacionado ao assunto da produção individual ou coletiva, Nicolas Bourriaud (2009) aborda as obras e as trocas:

A arte, por ser da mesma matéria de que são feitos os contatos sociais, ocupa um lugar singular na produção coletiva. Uma obra de arte possui uma qualidade que a diferencia dos outros produtos das atividades humanas. (...) Uma boa obra de arte sempre pretende mais do que sua mera presença no espaço: ela se abre ao diálogo, à discussão, a essa forma de negociação inter-humana.

A produção das crianças, assim como as obras dos artistas, possibilita trocas de percepções, ideias, informações e conhecimentos. São verdadeiros momentos de experiências que podem ser compartilhadas.

A professora Leusa, já citada neste capítulo, vê no ensino da arte na Educação Infantil a possibilidade de as crianças realizarem seus processos de criação desde cedo.

“Estou convicta de que o trabalho de arte na Educação Infantil possibilita que as crianças vivenciem, experimentem, conheçam e manifestem seus desejos, sonhos, compreensões, angústias, incompreensões etc., por meio das diferentes linguagens. Afinal, as crianças de zero a cinco anos são altamente interessadas, capazes e desejosas de se

manifestarem por meio do desenho, da pintura, da dança, da escultura, da literatura, do cinema, do teatro, da música, enfim, da arte em todas as suas manifestações e formas.”

De fato, nosso papel de educador é proporcionar experiências relevantes para as crianças. Alcançar esse objetivo demanda muito trabalho e dedicação. Dizem que Deus mora nas pequenas coisas. Eu acredito nisso, que a riqueza das relações mora nas pequenas coisas, acredito que o trabalho do professor é feito de pequenos gestos e delicados cuidados. As intenções precisam ser grandes, mas, no dia a dia, é no pequeno que se constitui nosso trabalho, nesses pequenos cuidados.

Algumas de nossas intervenções são dar continuidade àquilo com que as crianças estão envolvidas, oferecer outras peças para o jogo, garantir a organização para que a investigação possa se estender e para que as crianças possam tomar consciência e compartilhar suas descobertas e prazeres ou seus desafios e dúvidas. Podemos investir nossas ações na escola em sequências amplas, onde há um desencadear de propostas: uma surge a partir das reverberações da outra.

No próximo capítulo, vamos tratar de uma forma de intervenção importante: a organização do espaço. ■